

Desigualdades de gênero na sociedade feudal: Limitações e resistências femininas

Keila Mara Fraga Ramos de Oliveira

Doutoranda do Programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá
Universidade Estadual de Maringá – Paraná

RESUMO

O estudo explora as limitações enfrentadas pelas mulheres na sociedade medieval devido aos papéis de gênero. Pretende desafiar a visão estereotipada das mulheres medievais e destacar suas contribuições. A metodologia envolve contextualização histórica, citações de estudiosos e uma perspectiva crítica. Combina abordagens descritiva e analítica para compreender a dinâmica social que moldou a vida das mulheres.

Palavras-chave: Papéis de gênero, Mulheres medievais, Dinâmica social.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente a Idade Média é caracterizada por suas estruturas hierárquicas rígidas e pela prevalência de papéis exercidos na sociedade estritamente definidos. Nesse contexto, as mulheres enfrentavam desafios significativos devido às desigualdades de gênero arraigadas desde a Antiguidade, que moldavam suas vidas em diversos aspectos tanto sociais, quanto econômicos e culturais. Este estudo explora as complexas dinâmicas da sociedade dentro do sistema feudal, trazendo um recorte nas limitações impostas ao gênero feminino.

A relevância deste tema reside na necessidade de compreendermos não apenas as condições históricas das mulheres na Idade Média, mas também como essas condições influenciaram suas vidas e contribuições para a sociedade da época. A literatura existente revela uma variedade de perspectivas sobre o papel das mulheres, mas nesse estudo trataremos da visão tradicional da misoginia clerical.

2 OBJETIVO

Os principais objetivos deste trabalho são investigar as desigualdades de gênero na sociedade medieval e examinar os papéis sociais atribuídos às mulheres buscando lançar luz sobre as experiências variadas das mulheres medievais e oferecer uma visão mais ampla de sua influência e importância histórica, desafiando interpretações simplistas e estereotipadas do feminino. A partir de uma revisão crítica da literatura histórica, o estudo busca destacar a relevância de compreender como as mulheres enfrentavam limitações significativas em suas vidas cotidianas, abrangendo áreas sociais, econômicas e culturais. Limitações essas que evidenciam as normas sociais que restringiam as mulheres e delineavam seus papéis dentro do contexto feudal. Este exame não se limita às expectativas normativas, mas também investiga as



práticas reais que moldavam e, por vezes, desafiavam essas normas. Além disso, buscamos explorar as contribuições das mulheres medievais e suas estratégias de resistência, exemplo disso é o culto Mariano, imposto pela Igreja na Idade Média, mas que de alguma forma beneficiou a vida das mulheres que viviam em um ambiente histórico predominantemente restritivo.

Também trazemos uma análise crítica das diferentes perspectivas historiográficas sobre o papel das mulheres na Idade Média. Este estudo confronta interpretações tradicionais com abordagens contemporâneas que valorizam a diversidade e complexidade das experiências femininas, visando proporcionar uma visão mais abrangente e inclusiva do legado das mulheres medievais.

E por fim, este trabalho visa contribuir para uma compreensão mais profunda das contribuições femininas para a civilização europeia medieval, desafiando estereótipos históricos e promovendo uma narrativa historiográfica mais justa e representativa.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é predominantemente histórica e cultural, trazendo uma contextualização histórica em que o texto começa situando o leitor no período histórico da Idade Média, destacando eventos e marcos temporais importantes. Há a utilização de citações de historiadores e estudiosos do período medieval, como Bark, Franco Júnior, Hauser, entre outros, para embasar os argumentos apresentados. Também fazemos uso de uma perspectiva crítica apresentando diferentes interpretações históricas, mostrando não apenas as condições sociais e culturais das mulheres medievais, mas também críticas à visão tradicionalista e misógina predominante na época. E por fim, procuramos trazer uma narrativa descritiva e analítica combinando descrição detalhada de aspectos do cotidiano e estruturas da sociedade medieval com análise crítica das condições das mulheres e seu papel na sociedade feudal. Elementos que refletem a abordagem histórica e crítica buscando compreender não apenas os fatos históricos, mas também as dinâmicas sociais que moldaram a vida das mulheres na Idade Média.

4 DESENVOLVIMENTO

Para entendermos a vida das mulheres na Idade Média, é fundamental conhecer o contexto histórico em que elas viviam. Esse período é frequentemente descrito como intermediário entre a Antiguidade e a era Moderna, é importante destacar que, de acordo com Bark (1966, p.12), "são períodos de transição, sem princípio nem fim, foi então uma fusão e não uma interrupção abrupta ou um fluxo intempestivo". Historicamente e de forma didática, a Idade Média começou em 476 d.C., após a queda do último imperador romano do Ocidente, e terminou em 1453, quando os turcos tomaram Constantinopla.

No século XIII, o Feudalismo era uma sociedade caracterizada por uma estrutura "fortemente estratificada, fechada, agrária, fragmentada politicamente", como explica Franco Júnior (1986, p.14). Para



entender esse período importante da História, é necessário considerar diferentes aspectos culturais e fatores relevantes. Hauser (1998, p.123) destaca o surgimento da cavalaria aristocrática, o despertar da sensibilidade lírica, a ascensão do naturalismo gótico, a emancipação da burguesia e o começo do capitalismo moderno como elementos essenciais para compreender essa época, que refletiram e influenciaram profundamente a sociedade medieval. Bark (1966 p.12-15) acrescenta que muitas das concepções de vida que possuímos hoje, como “a igualdade das mulheres, direitos e dignidade do trabalho, conveniência da instrução, leis iguais, direitos e responsabilidades do indivíduo na sociedade” começaram a tomar forma na Idade Média.

Na Idade Média, a nobreza medieval, essencialmente rural, mantinha laços estreitos com as classes populares, com as quais muitas vezes não se distinguia, “nem pela cultura nem pela educação, mas apenas pelo estatuto e respectivas vantagens de que desfrutava”, como explica Lopes (1994, p.79). Além das relações de trabalho, a estrutura social medieval desenvolveu uma intrincada rede de vínculos vassalagem que não apenas tinham natureza econômica, mas também moral e até mesmo afetiva, conforme observado por Lopes (1994, p.79).

Faz-se necessário também ressaltar que com o feudalismo as classes sociais desse período passaram a ser vistas como ordenação divina, e por esse motivo a mudança de uma classe social para outra era quase impossível. Hauser (1998, p.182) esclarece que qualquer tentativa de mudança era “equivalente a uma rebelião contra a vontade de Deus para o homem”. Assim, o homem medieval aceitava seu estado de vassalo e não lutava contra ele, apenas resignava-se. As condições gerais de vida, nesse período, eram muito difíceis de enfrentar. Explica-nos Huizinga que

[...] as calamidades e as privações eram mais opressivas e cruéis que hoje. O contraste entre a doença e a saúde era maior; o frio severo e a escuridão medonha do inverno eram males mais pungentes. Julgamentos, transações comerciais, casamentos e enterros, tudo se anunciava sonoramente com procissões, gritos, lamentos e música. (Huizinga, 2010, p. 11)

O homem medieval vivia uma realidade aterrorizante em seu cotidiano. Entre a cidade e o campo imperava um nítido contraste. A cidade era fechada em seus muros, compacta e erichada com numerosas torres. De acordo com Huizinga, “[...] por mais altas ou maciças que fossem as casas de pedra dos nobres ou dos comerciantes, o vulto altaneiro das igrejas dominava a silhueta da cidade” (Huizinga, 2010, p. 12).

A Igreja não estava mais sob o domínio da nobreza romana, esse período foi conhecido como “triumfante”. A educação religiosa e a instrução literária estavam profundamente entrelaçadas, formando o cerne da nova escola cristã, que combinava os ensinamentos mundanos aos espirituais. Nesse contexto, Bark (1966, p. 39) destaca que um “novo sistema de educação com modernos valores e objetivos estava sendo construído”. Apesar do forte domínio do clero, o prestígio do seu monopólio era visto como um dos principais meios de alcançar a salvação.



Essa influência da Igreja profunda e abrangente, conduzia a sociedade segundo suas próprias regras. Com o objetivo de enriquecer ainda mais, Santo Agostinho recomendava que todo cristão “deveria deixar à Igreja em testamento a parte do filho, e caso não tivesse descendente deveria indicar a Igreja sua herdeira”, como mencionado por Franco Júnior (1986, p.68). A sociedade era basicamente agrária e a Igreja era a maior possuidora de terras isentas dos impostos, o que aumentava ainda mais sua influência econômica e política. Ela também conseguia controlar as manifestações mais íntimas dos indivíduos como:

[...] sua consciência através da confissão, sua vida sexual através do casamento, seu tempo através do calendário litúrgico, seu conhecimento através do controle sobre as artes, as festas, o pensamento, seu domínio sobre a própria vida e a própria morte através dos sacramentos (só se nasce verdadeiramente com o batismo, só se tem o descanso eterno no solo sagrado do cemitério). Ela legitimava as relações horizontais sacralizando o contrato feudo-vassálico [...] justificando a dependência servil. (Franco Júnior, 1986, p. 71)

Na Idade Média, a separação entre clero e leigos servia como estratégia para destacar a oposição entre o bem e o mal, virtudes e vícios. Isso reforçava a autoridade incontestável da Igreja, incumbida de guiar a vida moral e definir o domínio sobrenatural, conforme explicado por Mattoso (1985, p.22). Durante esse período, a visão de mundo do homem medieval estava profundamente enraizada no sagrado, influenciando sua maneira de viver diariamente sob a influência do sobrenatural. O tempo era rigidamente dividido entre dia e noite. Sem luz artificial suficiente, as atividades humanas ficavam limitadas às horas diurnas, a noite era o momento desconhecido, havia perigos que não se viam e a Igreja era quem os protegia contra esses momentos assustadores.

Os mosteiros como os castelos e as cidadelas eram construídos em lugares fortificados contra assaltos do mal, às vezes, nas montanhas, simbolizando o isolamento, ascensão. No entanto, como nos castelos, os mosteiros atraíam para si as riquezas da região, [...] (pois os camponeses) entregam de bom grado tudo o que possuem, porque temem a morte, o julgamento, e os monges os protegem contra os piores perigos: aqueles que não se veem. (Duby 1988, p.23)

Nas condições da época, a Igreja cultivava a superstição e a ignorância. A superstição era, nesse tempo, generalizada, porque, de acordo com Bark (1966, p. 116), as “pessoas seguiam o que lhes era ensinado”. Na instituição religiosa havia também espaço para as monjas que desempenhavam múltiplas funções, tendo como madre superiora uma abadessa. As comunidades religiosas ofereciam um ambiente acolhedor e uma atmosfera religiosa onde as mulheres podiam viver, rezar e trabalhar. Servindo a Deus e ocupando-se umas das outras com humildade, podiam participar na liturgia e encontrar uma saída para os seus talentos administrativos e intelectuais. Duby (1991, p. 261) esclarece que “algumas mulheres desempenhavam as funções de deãs, camareiras, despenseiras e porteiras. Outras trabalhavam como bibliotecárias, copistas e professoras”. Os clérigos instruíam as mulheres de que deviam comportar-se

humildemente na igreja. Se fossem virgens, deviam imitar Maria, espelho de castidade, inscrição da virgindade, testemunho da humildade, honra da inocência, Duby (1991, p. 252).

As formas de devoção dos séculos precedentes foram substituídas por outras apelações; as confrarias marianas se multiplicaram e os milagres de Nossa Senhora são repetidamente copiados, segundo Verdon (2006, p.9). Os conventos eram destinados principalmente a jovens de família nobres que ofereciam dotes significativos. No final desse período, muitos conventos começaram a rejeitar camponesas como candidatas. Por exemplo em Flandres, as fundações dos conventos especificavam que apenas jovens de linhagem real ou principesca poderiam ser admitidas, como registra Verdon (2006, p.65).

Mesmo com esse tratamento diferenciado às mulheres abastadas, existia ainda na Igreja uma tendência para a misoginia. Duby (1991, p. 273) registra que embora os clérigos fossem muitas vezes misóginos, o período medieval representava um ápice para a condição feminina.

Maria na figura de “Virgem da Paz”, “*stella maris*” e a mediadora perante o Divino, era venerada como exemplo supremo para todas as mulheres da Igreja. Segundo Brouquet (2010, p. 121), ela era considerada “obra-prima” da natureza, “a primeira por dignidade e precedência, a fonte de todas as virtudes”, assim, o culto à Maria se desenvolve no fim da Idade Média, assim justificado por Verdon:

O culto da Virgem, excluído durante a Alta Idade Média, torna-se particularmente florescente a partir do século XI. A devoção a Maria é desenvolvida em Cluny. Com a comunicação frequente, a devoção à Virgem se constitui a melhor ajuda da fé, escreve Gregório VII, à condessa Matilde. (Verdon, 2006, p.8 Tradução nossa).¹

Durante a Idade Média, esse culto à Virgem Maria experimentou um renascimento significativo, assim a expressão “AVE / EVA” simbolizavam a dualidade entre a figura de Maria e Eva, onde “EVA” simboliza a perda da humanidade e ao ser invertida “AVE” evocava a saudação à imagem da mãe do Redentor, segundo Verdon (2006, p.8). Apesar do culto mariano ter sido visto por alguns estudiosos como uma promoção da posição feminina na sociedade, como argumenta Le Goff, o cristianismo não contribuiu significativamente para melhorar sua posição material e moral, no entanto Duby (1991, p. 274) corrobora que os novos cultos à Maria são consequência e do que a causa dessa melhoria verificada a partir do século XII, na condição das mulheres.

Os textos que tratam da mulher medieval são geralmente obras de clérigos ou escritores laicos. Essas obras apresentam as mulheres como seres inferiores, descendentes de Eva, a instigadora do pecado, segundo o discurso da Igreja. Verdon (2006, p.5) registra que essa situação de inferioridade se prolongou durante toda a Idade Média. Na primeira metade do século XII, a superioridade do homem sobre a mulher era

¹ Le culte de la Vierge, effacé pendant le haut Moyen Âge, devient particulièrement florissant à partir du XI^e siècle. La dévotion mariale est très développée à Cluny. Avec la communion fréquente, la dévotion à la Vierge constitue le meilleur soutien de la foi, écrit Grégoire VII à la comtesse Mathilde. (Verdon, 2006, p.8)

extremamente evidente. Os argumentos sobre a inferioridade da mulher eram são extraídos do direito romano, da narrativa da criação no livro de Gênesis, dos escritos paulinos e das obras de Santo Agostinho, São Jerônimo e Santo Ambrósio. Essa cultura cristã, teve um peso considerável na concepção da mulher medieval, e para traçarmos esse perfil feminino é preciso levar em conta, segundo Macedo (1999, p.9), "a situação da mulher nos povos formadores da sociedade europeia e a interpenetração de certos hábitos dos celtas, romanos e germânicos". Os romanos, por exemplo, atribuíam a liberdade feminina à sua ocupação na sociedade, porém, sempre avaliada como um ser de "inferioridade natural".

Presas aos interesses familiares, não lhe era permitido nem mesmo o direito de escolher o marido. Sua vida era "restringida aos meios domésticos, e em sinal de submissão deveria manter os cabelos longos," expõe-nos Macedo (1999, p.10). A família sofria transformações significativas em suas estruturas para conseguir se manter. Desta forma, os beneficiados eram os membros do sexo masculino, herdeiros dos bens familiares. O filho primogênito herdava a maior parte dos bens e as filhas eram excluídas da sucessão. Os bens materiais recebidos eram considerados dotes que seriam administrados somente pelo marido. O pai ou o chefe da família mais abastada temia o perigo da instabilidade financeira. Os dotes altos para pagar e, para diminuir os casamentos, as jovens eram destinadas a passarem a vida isoladas nos mosteiros, tornando-se "esposas do Senhor", conforme registra Macedo (1999, p.14-16), no final do século XII, os conventos e mosteiros femininos cresceram, consideravelmente, resultado dos processos de transmissão dos bens, que determinaram o destino das mulheres aristocráticas.

No entanto, quando as mulheres se casavam, reproduziam as formas de poder das relações feudo-vassálicas. A esposa chamava o marido de "Senior" (Senhor) refletindo o feudalismo no ambiente doméstico. Para os religiosos, a mulher era vista como "naturalmente" inferior ao "sexo viril", considerada apenas um simples reflexo secundário da imagem masculina. Os casais não se tornavam iguais porque a mulher era considerada "a responsável pela queda da humanidade no pecado". Devido a esses preconceitos, o marido exercia total domínio a esposa, e as dores do parto eram consideradas como seu castigo. Assim, para os clérigos "a direção ou o governo ficavam reservados ao homem, cabendo à mulher a submissão", esclarece-nos Macedo (1999, p.16, 19). Verdon (2006), por sua vez, aponta outros dados dessa situação:

Na segunda metade do século XIV, Gilles Bellemère enumera os defeitos da mulher. Sua natureza é malvada. Ela se inclina para a concupiscência, ela é diferente do homem por sua fragilidade, sua fraqueza de espírito, sua pequena constância natural de discrição. E cita a frase de um jurista, pouco conhecido: a mulher é um objeto imperfeito, um animal dócil, um ser odioso, a origem de discórdias, um encorajamento de disputas, instigadoras de todos os crimes. Os transtornos de seu sangue, a obrigação de ser defendida por um homem, a incapacidade de ensinar em público, de receber ordens, de confessar, [...] (Verdon, 2006, p.6 Tradução nossa).²

² Dans la seconde moitié du XIV siècle, Gilles Bellemère n'en finit pas d'énumérer les défauts de la femme. Sa nature est mauvaise. Encline à la concupiscence, elle diffère de l'homme par sa fragilité, la faiblesse de son esprit, son peu de constance naturelle et de discrétion. Et de citer cette phrase d'un juriste, peu connu: la femme est un objet imparfait, un animal aimable, un être odieux, l'origine des discordes, un encouragement aux disputes, l'instigatrice de tous les crimes. Ses trouble de son sang,



Os homens da época eram figuras visíveis e dominantes, enquanto as mulheres eram frequentemente escondidas e relegadas a papéis secundários. Na literatura, as mulheres eram simbolicamente representadas por homens, principalmente eclesiásticos. As mulheres eram vistas como parte dos seus pertences e de seus bens móveis, eles possuíam o direito de doá-las e, em seguida, recebê-las de volta para depois abandoná-las, tratando-as como meros objetos. Segundo Duby (1995, p.155), os homens “as expõem ao seu lado, pomposamente trajadas, como uma das mais belas peças do seu tesouro, ora as escondem nas profundezas da sua morada e, se for necessário tirá-las de lá, dissimulam-nas sob véus e sob mantos”. Contudo, esse comportamento não visava proteger as mulheres por consideração, mas sim evitar que outros homens desejassem se apropriar delas.

Os senhores controlavam o tempo e a vidas das mulheres, conferindo-lhes ao longo da vida três estados sucessivos: “filhas, necessariamente virgens; esposas obrigadas à cópula para cumprir a função de trazer ao mundo os seus herdeiros; viúvas, fundamentalmente devolvidas à continência”, segundo Duby (1995, p. 156). Todos esses períodos marcavam a obrigatoriedade de subordinação aos homens. Entretanto, esses mesmos homens do século XII temiam as mulheres, pois existiam aquelas que não se deixavam dominar facilmente. Essas mulheres eram julgadas e consideradas pessoas ruins: “sendo elas teimosas, eles achavam-se no dever de adestrá-las, de domá-las, de guiá-las, assim os homens julgavam-se responsáveis pela conduta de suas mulheres”, ilustra Duby (1995, p.156). Os homens tinham até o direito de punir os pecados de suas esposas, ou mesmo de matá-las, se fosse considerado necessário.

As camponesas constituíam a maior parte da população, principalmente na Alta Idade Média, consideradas indispensáveis à sobrevivência da família, pelo seu trabalho árduo na terra e no interior das casas de família. Verdon explica que:

As mulheres participavam de numerosos trabalhos agrícolas, na tosca das ovelhas na primavera ou começo do verão, na fenação em junho, na colheita no final de julho, na vindima em setembro, no cuidado com os animais. No entanto, elas não podiam fazer um trabalho, a aração ou sementeira, não só por causa de sua debilidade física, mas também por razões simbólicas, a terra era fêmea e o homem o único que tem o direito exclusivo de penetrar-lhe a semente. (Verdon, 2006, p.72 Tradução nossa).³

Nessa época, o trabalho têxtil teve papel importante, suprimindo as necessidades da família e fornecendo ao senhor feudal o que ele necessitava. Igualmente a fabricação de agulhas, de tesouras e de fivelas de cintos não era estranha às atividades das mulheres, completa Verdon (2006, p.72-74). Nesse período, o nível dos salários das mulheres era muito inferior ao dos homens, recebiam mais ou menos a

l'obligation d'être défendue par l'homme l'incapacité d'enseigner en public, de recevoir les ordres, de confesser, [...] (Verdon 2006, p.6)

³ Les femmes participent à de nombreux travaux agricoles, à la tonte des moutons au printemps ou au début de l'été, à la fénaison en juin, à la moisson fin juillet, à la vendange en septembre, à la surveillance des animaux. Toutefois il ne leur appartient pas de procéder à certains travaux, tels que le labour ou les semailles, non seulement à cause de leur faiblesse physique, mais aussi pour des raisons symboliques, la terre étant femme et l'homme ayant seul le droit d'y faire pénétrer la semence. (Verdon 2006, p.72)

metade dos salários dos homens e, nessas condições, muitas delas se prostituíam para sobreviver, segundo Verdon (2006, p.75).

Quanto ao comportamento e as ocupações femininas, desde muito cedo as meninas eram conduzidas a um procedimento reservado com gestos modestos e ocupavam-se com os trabalhos de agulha e linha para distraírem os maus pensamentos. Nos vilarejos, as jovens filhas de artesãs aprendiam o ofício de bordadeiras, costureiras, entre outros, explica Brouquet (2010, p. 16). As que já eram casadas, a responsabilidade era cuidar da casa. Acendiam o fogo para preparar a comida, amassavam o pão e faziam a limpeza da casa, porém seus trabalhos não param por aí. A produção têxtil ocupa uma boa parte do seu dia com a cardagem e a fiação da lã, ou com a tecelagem do linho para costurar lençóis e roupas para sua família e para o senhor feudal, de acordo com Brouquet (2010, p. 79). A mãe de família também se ocupava

[...] do jardim, do pomar, do galinheiro de onde provinha boa parte da alimentação. Ela trata dos animais, bate a manteiga e faz o queijo. A maior parte dessas atividades se passa em um pequeno perímetro perto da casa, ela participa também de trabalhos no campo na ocasião dos períodos mais movimentados: a debulha e a colheita de frutas no verão, e a colheita de outono. As jovens cuidavam dos rebanhos e tosavam as ovelhas com suas mães. (Brouquet, 2010, p. 81 Tradução nossa).⁴

As jovens solteiras trabalhavam na casa de outras famílias do vilarejo como assalariadas, durante a colheita ou quando precisavam de mão de obra. Essas jovens eram condenadas a viver mal alimentadas e mal-vestidas, frequentemente apanhavam e eram abusadas sexualmente por seus patrões, ressalta Brouquet (2010, p. 82, 90). Com essa perspectiva de vida, o corpo da jovem era um objeto de luta constante para manter-se virgem, luta pessoal, de sua família e de toda a sociedade, esclarece Brouquet (2010, p. 15).

O prazer físico era condenado pela moral cristã da Igreja, limitando a sexualidade ao extremo. As relações sexuais dos casais foram severamente disciplinadas pelos religiosos. Macedo (1999, p.20) esclarece que em determinadas épocas a relação sexual era proibida sob pena de penitências religiosas, principalmente durante a Quaresma e em dias santos. Os doutores da Igreja, Santo Ambrósio e, sobretudo, São Jerônimo preveniram os esposos sobre o amor demasiadamente ardente no casamento, considerando-o adultério. Santo Agostinho resumiu em três palavras a finalidade da união: “progenitura”, “fidelidade” e “sacramento”, Duby (1991, p. 296). Assim a função do casamento era apenas a de gerar filhos, igualmente para as esposas, a abstenção dos desejos carnis deveria ser cumprida rigorosamente e justificada pelo calendário litúrgico. Complementa Verdon (2006, p.40), ao afirmar que

Eles guardaram o domingo, dia do Senhor, possivelmente o sábado. Quarta-feira e sexta-feira sendo dias de luto, numerosas penitências são prescritas para a continência. São adicionadas antes do Natal

⁴ [...] du jardin, du potager et du poulailler qui procurent la plus grand partie de l'alimentation. Elle trait la vache, baratte le beurre et fait le fromage. La majeure partie de ses activités se déroule dans un petit périmètre autour de la maison, elle participe aussi aux travaux des champs à l'occasion des périodes les plus chargées: le battage e la cueillette des fruits en été, et le glanage à l'automne. Les jeunes filles gardent les troupeaux et tondent les moutons avec leurs mère. (Brouquet 2010, p. 81)



e da Páscoa, as festas de santos diversos. Deve-se também observar a castidade algum tempo antes da comunhão. (Verdon, 2006, p.40 Tradução nossa).⁵

Os casamentos forçados eram uma das causas das fugas das mulheres, ou por sua própria decisão ou por raptor, conhecido como “*rousso*”. A Igreja não era favorável a um novo casamento, mas ela não a condenava, assim as viúvas se casavam por diversas razões, especialmente as damas de condição elevada, proprietárias de grandes bens, que necessitavam de alguém para defender seus patrimônios. (Verdon, 2006, p.49). As mulheres sofriam fisicamente, registra Macedo (1999, p.21-24) “homens, pais ou maridos reservavam o direito de castigá-las como a uma criança, a um doméstico, a um escravo. Era um direito de justiça inquestionável, primordial, absoluto.” Dessa forma, a “surra conjugal” era considerada um direito do marido. No entanto, se a mulher gerasse filhos do sexo masculino, ela garantia um lugar de respeito entre os demais familiares, pois quando viúva teria ascendência moral sobre os seus filhos. Não o sendo, apenas um destino era reservado – o casamento místico com Cristo nos mosteiros e conventos. As viúvas, de acordo com Verdon (2006, p. 48), tinham três escolhas: consagrarem-se a Deus, casarem-se outra vez ou viverem em sociedade. A situação das mulheres na sociedade medieval era complexa e por vezes ambígua, porém sempre limitadas as expectativas sociais e religiosas.

Apesar de todas essas limitações, a representação das mulheres na cultura medieval também mostrava variações significativas. No sul da França, a mulher era cultuada pela poesia dos trovadores, marcada por sentimentalismo, cortesia e elegância refinada, transformando-a em um santuário de inspiração. Foi por volta de 1209, que a produção trovadoresca foi transformada em uma literatura dirigida pela Igreja. Foram os dominicanos que impuseram o culto à Maria como tema oficial dos novos trovadores. A poesia lírica dos trovadores provençais não desapareceu, contrariamente, raízes profundas haviam sido lançadas pelos países vizinhos, que se tornaram discípulos da arte poética do Languedócio, ao mesmo tempo em que davam forma culta aos temas de inspiração folclórica. Quando a poesia dos trovadores penetrou terras germânicas e italianas e ultrapassou as fronteiras ibéricas até a Galiza, já nessas populações vegetava uma poesia primitiva, autóctone, que tinha por agente principal a mulher, e por irmãs a música e a coreografia. (Spina, 1996, p.26)

A poesia trovadoresca e o culto mariano eram contemporâneos. Lapa (1973, p. 23) explica que antes do “século XII já existia, senão um sistema de mística mariana, pelo menos o serviço de Maria”. Para o cristão, a Virgem era a meiga medianeira entre o Céu e a Terra, a que ouvia a prece do suplicante e a transmitia ao Senhor. De acordo com Lapa há quem veja até nesta “concepção religiosa, transferida para a vida social, a razão profunda do trovadorismo, o seu caráter panegírico, o motivo enfim porque o trovador

⁵ Ils n'auront point de rapports les dimanche, jour du Seigneur, éventuellement le samedi. Le mercredi et le vendredi étant des jours de deuil, nombre de pénitentiels prescrivent alors la continence. S'ajoutent les carêmes avant Noël et Pâques, les fêtes de divers saints. Il faut aussi observer la chasteté un certain temps avant la communion. (Verdon, 2006, p.40)



pedia à senhora e não, como era natural, ao senhor”. O paralelismo poético é efetivamente perfeito entre a atitude do cristão, “prosternado aos pés da Virgem, e a do amador, deitado aos pés da dona.” Assim a mulher foi divinizada como objetivo da nova concepção trovadoresca da vida, que “representa um desvio consciente ou inconsciente da Igreja e dos ideais de vida que ela impunha uma gradual libertação do homem medieval”. (Lapa, 1973, p. 23)

Os trovadores colocavam em um mesmo plano de adoração tanto a dona divinizada quanto Deus humanizado. Possuíam valores iguais. O trovador preferia a dona por intuitivas razões de ordem social e estética e não em obediência a qualquer pensamento ou disposição anticatólica. (Lapa, 1973, p. 24).

Desta forma, a antiga mística popular da Idade Média surgiu com a canção de amor trovadoresca em sua forma clássica, aborda Lapa (1973, p. 5). O historiador Jacques Le Goff explica que a civilização que encontrou a sensibilidade humana soube também encontrar o

[...] equilíbrio da alma e do corpo, do coração e do espírito, do sexo e do sentimento [...] reclamar a autonomia do sentimento e pretender que podia haver entre os dois sexos relações diferentes das do instinto, da força, do interesse do conformismo, eram coisas em que havia algo de verdadeiramente novo. (Le Goff, 2005, p. 352)

Desta forma, a poesia trovadoresca não apenas reflete a influência do culto mariano, mas também simboliza uma nova concepção da vida e das relações humanas na Idade Média. Essa nova perspectiva permitiu uma forma de expressão artística que elevava a mulher a um status quase divino, desafiando as rígidas normas eclesiásticas e sociais da época. Assim, através da literatura e da poesia trovadoresca, emergiu uma influência significativa que, ainda que brevemente, contribuiu para reconfigurar a posição da mulher em uma sociedade onde ela era frequentemente desvalorizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto complexo em que vivia a mulher na sociedade feudal, as desigualdades de gênero eram profundas e estruturais, refletindo a hierarquia patriarcal que dominava todos os aspectos da vida. As mulheres em especial enfrentavam limitações significativas em diversas esferas de suas vidas. Elas eram consideradas legalmente dependentes dos homens, geralmente seus pais ou maridos. Elas não tinham direitos legais independentes, podendo ser doadas, recebidas de volta ou abandonadas conforme a vontade dos homens, caracterizando relações de vassalagem e obrigações entre senhores e vassallos, as mulheres eram frequentemente vistas como propriedade de seus maridos ou pais, refletindo a estrutura hierárquica e patriarcal da época.

Juridicamente, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, sem direitos de propriedade ou herança direta. Seu papel era predominantemente doméstico, embora mulheres nobres às vezes



exercessem alguma influência política. A maioria dos bens era transmitida através da linhagem masculina, deixando as mulheres sem poder econômico significativo.

O trabalho das mulheres variava conforme a posição social. Enquanto nobres administravam feudos na ausência de maridos, camponesas enfrentavam o trabalho agrícola e doméstico sem reconhecimento legal significativo, eram elas as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pela criação dos filhos, com poucas oportunidades de participar em atividades fora do âmbito familiar. Seu valor era frequentemente medido pela capacidade de gerar filhos, especialmente herdeiros homens. Sofria com a violência doméstica que era tolerada socialmente, com homens tendo o direito de castigar suas esposas como julgassem apropriado.

A influência dominante da Igreja permeava todos os aspectos da vida medieval, moldando normas morais, educacionais e espirituais. Mulheres encontravam algum espaço dentro de instituições religiosas como conventos e mosteiros, onde podiam ter alguma autonomia limitada. Com a inserção do culto mariano na cultura trovadoresca, as mulheres foram idealizadas como musas inspiradoras, embora ainda dentro dos limites estreitos da sociedade patriarcal. Isso contribuiu para uma nova concepção da vida e das relações humanas, desafiando as normas vigentes e proporcionando um espaço simbólico de reconhecimento e valorização feminina na época medieval.



REFERÊNCIAS

- BARK, W. C. *Origens da Idade Média*. Tradução de DUTRA, W. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BROUQUET, Sophie Cassagnes. *La vie des femmes au Moyen Âge*. Rennes: Ouest-France, 2010.
- DUBY, G. *A Europa na Idade Média*. Tradução de DANESI, A. P. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DUBY, G. (Org.). *História das Mulheres – a Idade Média*. Tradução de MARIA HELENA DA CRUZ COELHO. Lisboa: Afrontamento, 1991.
- DUBY, G. *Damas do Século XII*. Tradução de COSTA, T. Lisboa: Teorema, 1995.
- FRANCO, J. Hilário. *A Idade Média. Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. Mestre Jou, 1998.
- HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- LAPA, M. R. *Lições de Literatura Portuguesa - época medieval*. Coimbra: Coimbra Editora, 8. ed., 1973.
- LOPES, Graça Videira. *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LE GOFF, J. *A civilização do Ocidente Medieval*. Tradução de JOSÉ RIVAIR MACEDO. São Paulo: Edusc, 2005.
- MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.
- MATTOSO, J. *O essencial sobre a Cultura Medieval Portuguesa (Séculos XI a XIV)*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.
- SPINA, S. *A Lírica trovadoresca. Texto e arte*. São Paulo: Edusp, 1996.
- VERDON, Jean. *La femme au Moyen Âge*. Paris: Éditions Gisserot, 2006.